



# La manifestation

CONTRIBUIÇÃO ÀS FORMAS DE EXPRESSÃO SONORO-MUSICAIS

Uma proposta de educação musical dialógica, dedicada a Paulo Freire

Um convite à superação



Um videoclipe pelas revoluções



Uma música para todos

acesso ao vídeo



L a m a n i f e s t a t i o n

Sugere-se para otimizar a leitura  
desse arquivo, maximizar a página.

## O QUE É A OBRA “A MANIFESTAÇÃO?”

Nos anos 70, Paulo Freire fez um convite-desafio ao musicólogo Carlos Kater: compor uma “Música do Oprimido”. O resultado, construído de forma criativa e dialógica no âmbito de um dos cursos de música no “*Atelier d’Expression Musicale et Corporelle*”, em Paris, se chama “La Manifestation”. Ela está agora disponível sob forma de áudio e de videoclipe inédito, que instiga, comove e convoca à reflexão.

O áudio desta versão foi realizado com exclusividade pelo NuSom - Núcleo de Pesquisas em Sonologia, da USP, conduzido por Fernando Iazzeta, a partir da partitura original de 1980 que mede mais de três metros de comprimento.

*“Fica aqui também nossa homenagem aos oprimidos e oprimidas de todas as épocas, assim como às pessoas que, conscientes da perversidade desse mecanismo, se empenham, com amor e respeito, em sua superação no presente.”*

*C.Kater*

## MAIS SOBRE A OBRA, SEGUNDO CARLOS KATER

1. Os cursos lá realizados foram concebidos e ministrados por mim e por Aude Kater.

2. O público foi vivamente convidado a participar com leitura de textos de diferentes personagens que deram corpo à manifestação, sejam os manifestantes propriamente ditos, o orador, automobilista, policial, cachorro etc. O próprio regente fez a direção das intervenções do público, integradas ao conjunto dos músicos alunos.

“La Manifestation” foi concebida no âmbito de um dos cursos de música que ministrei no “*Atelier d’Expression Musicale et Corporelle*”, em Paris, desde 1978.<sup>1</sup>

Na origem, ela se caracterizou como uma proposta criativa e educativa dialógica, junto a um grupo constituído por um educador musical e alunos, interagindo num processo que envolveu dimensões sensíveis e intelectuais, alimentadas pelo imaginário dos participantes.

O produto gerado resultou numa cena musical performática, interpretada pelo próprio grupo (executando instrumentos de percussão de diversas naturezas, apitos, vozes, megafone, gravador) e com participação interativa e colaborativa do público presente.<sup>2</sup>

Sua estreia mundial se deu no “*l Rencontre Musical des Enfants de la Ville de Paris*” (“l Encontro Musical das Crianças da cidade de Paris”), com o grupo de alunos do *Atelier*, sob minha regência, na “*Péniche Théâtre*”, em 14/05/1980.



A estreia brasileira ocorreu no “XX Festival de Música Nova”, de Santos, a convite de seu diretor, o compositor Gilberto Mendes. O Grupo Experimental de Artes do CACMA, sob a regência de Luzia M. da Guarda, realizou uma versão performática no Teatro Brás Cubas, em 26/08/1984, seguida por apresentações realizadas em Cubatão e outros locais.

Importante observar que, na gênese de “La Manifestation” está presente o pedagogo brasileiro Paulo Freire, a quem ela é dedicada. Foi num de nossos encontros em Genebra, que ele fez o convite instigante e motivador de criação de uma “música do oprimido”.

A envergadura do desafio pareceu imensa na época, visto a complexidade que me impunha, acrescida ainda pela magnitude do trabalho de natureza semelhante já realizado por Augusto Boal, com o “Teatro do Oprimido”, tão competente e bem-sucedido, dentro e fora do Brasil.

Mas foi sem dúvida a motivação desse desafio de Paulo Freire que amplificou em mim a necessidade de uma escuta crítica e criativa, bem

3. CGT e CFDT significando respectivamente: “Confédération Générale du Travail” e “Confédération Française Démocratique du Travail”.

4. Nela podemos encontrar uma multiplicidade de eventos sonoro-musicais: a simultaneidade de acontecimentos, a presença concomitante de organizações sonoras determinadas e indeterminadas (interpenetrando-se de maneiras particulares), a diversidade e o deslocamento fontes sonoras, os jogos de dinâmica, textura e densidade, a variedade de planos dos parâmetros: intensidade, frequência, timbre e tempo, a composição de uma forma semi-aberta (cuja estrutura profunda se apresenta constantemente transfigurada), o contraponto entre eventos sonoros determinados, indeterminados e improvisados, o processo geral anti-teleológico, etc.

como de reflexões sobre as manifestações que ocorriam desde 1978 em Paris, reacendendo as expressões revolucionárias de Maio de 1968, bem como daquelas que emergiram com as greves organizadas pela CGT e CFDT em 1979.<sup>3</sup>

Vale a pena lembrar, mesmo de passagem, que, em todas elas, as mensagens dirigidas ao poder constituído, aos patrões e empresários, à polícia, às instituições da direita e da esquerda tradicionais, bem como aos próprios estudantes foram sempre intensamente reivindicativas, irreverentes, provocadoras e... sonoras!

Em todas elas a característica básica se mostrou preservada... um meio de expressão sociocultural, de participação coletiva, compreendendo componentes sonoros e musicais de maneira intrínseca, e na grande maioria dos casos, implicando também no deslocamento das fontes de som – o que intensifica ainda mais a dinâmica dessa performance pulsante e a cada vez única.<sup>4</sup>

Muito embora os graus de importância e as formas de articulação entre os materiais sonoros e os demais elementos típicos deste meio expressivo

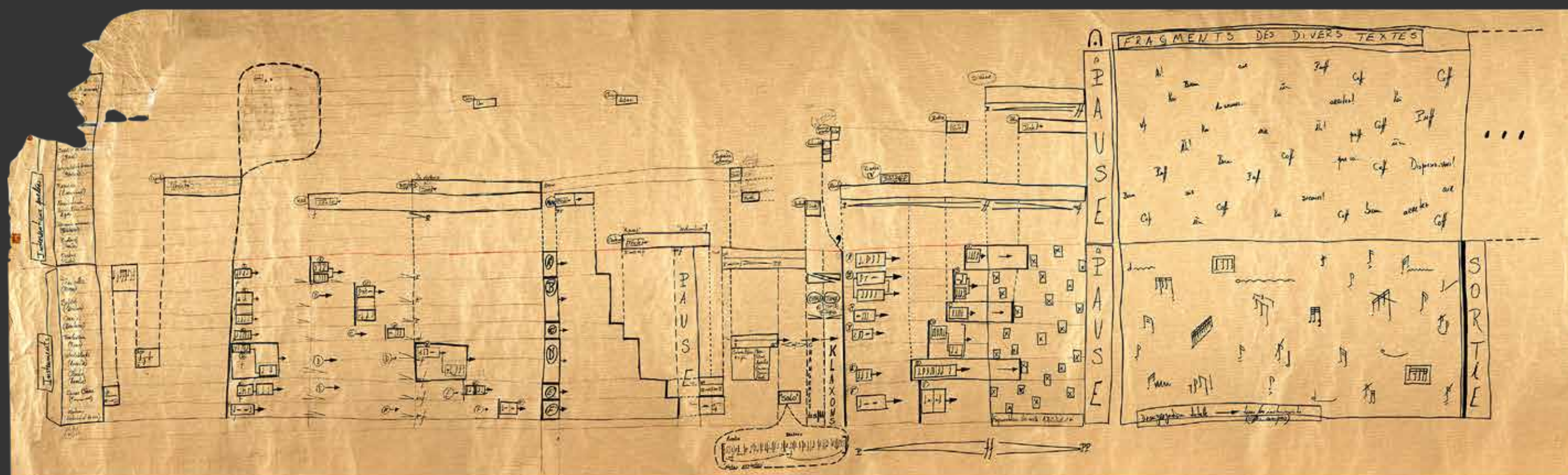


5. Essa grande folha de rolo de papel Kraft foi o anteparo sobre o qual registramos os fatos e feitos maiores de nosso processo criativo e que orientaram após sua interpretação.

possam variar consideravelmente, a dimensão sonora é sempre superlativa, abrangente e extraordinária.

A ordem de complexidade dos sons fluindo em seus próprios discursos (slogans, refrões, palavras de ordem, discurso de oradores, aplausos, interferências vocais múltiplas, instrumentos musicais, sons órfãos etc.), apartados agora de uma forma estabelecida e ordenadora, pode gerar uma resultante de aparente simplicidade. No entanto, ao contrário, estamos face a um universo entrópico e complexo, marcado pela revolta presente nos sons que veementemente buscam a liberdade de qualquer matriz-padrão controladora, que produz na música o que a força das margens impõe aos rios.

Mas é importante dizer que, dos registros realizados durante o processo de composição original da “La Manifestation” restou apenas um mosaico de recordações na memória de todos os participantes e... uma partitura, quase painel, medindo mais de 3 metros de comprimento por 1 de altura.<sup>5</sup>



Partitura de "La Manifestation", medindo 3m28 de comprimento por 1m de altura





A realização sonoro-musical que temos a oportunidade de escutar hoje, nesta versão, resulta de uma leitura viva e criativa do NUSOM, conduzida por Fernando Iazzeta, e orientada por macro referências dessa partitura.

O ouvinte atento escutará também citações musicais de significado subjetivo e proximidade com o tema (a nível de textura, densidade, morfologia, intenção), como “*Santos Futebol Music*” (1969), de Gilberto Mendes, “*Sinfonia das Diretas*” (1984), de Jorge Antunes e “*Percursos*” (1983), de minha autoria.

Estamos, na realidade, diante de uma “paisagem sonora” apenas aparente. Aqui, “sons são sons” e “manifestações... manifestações”, mas nossa escuta, emancipada agora pelo movimento, os transforma de elementos soltos do chão das ruas em sonoridades plenas de significado, integradas no mundo imaginário dos novos sentidos propostos pela composição musical.

E é preciso dizer que não há compromisso de “interpretação fiel” do registro do caminho inventivo disposto na partitura. Assim como ela,



partitura, também não representa a “sonografia” de um momento captado por ouvidos ávidos, visando fixar com “fidelidade” a vida de um instante sonoro qualquer. O compromisso é o de transgredir e transcender, através da criação, os limites da realidade aparente, ir além do rigor de uma suposta fidelidade, que, de fato e em geral, compromete, quando não verdadeiramente sequestra e assassina, o valor maior, a essência dos fatos e fenômenos que tanto busca preservar.

Mas convém lembrar que, o que desde a origem de fato se perseguiu na “La Manifestation” foi a maneira dialógica, livre, inventiva e própria de dar voz, visibilidade, autonomia e protagonismo, pela música, aos participantes, convidando-os a reflexões e posicionamentos inovadores, diante de situações sociais de real significado. Essa foi, naquele momento, a resposta possível ao desafio de uma “música do oprimido”.

A proposta feita àquelas crianças, aos jovens e ao público de 1980, não foi a de criarmos uma música viva naquele momento para ser reproduzida identicamente no futuro mas ... uma música criada como reflexo das particularidades



6. O CD pode ser ouvido em <http://berro.eca.usp.br/index.php/discography/fios-da-trama-vol-2/> e adquirido em <https://berro-nusom.bandcamp.com/album/fios-da-trama-vol-2> . O videoclipe pode ser assistido em <https://youtu.be/ulr8VbLo-8IU> ou <https://www.carloskater.com.br/composicoes>

das necessidades, habilidades e compreensões pessoais de todos os participantes, registrada numa partitura, indicando o caminho percorrido e acolhendo seus imaginários e expressões.

É essa abertura que pode servir em qualquer tempo de estímulo a novos processos criativo-musicais, acolhendo a reflexão crítica e livre, ponto de partida para outras interpretações, como a que é possível assistirmos no clipe ou escutarmos no CD editado pelo Berro.<sup>6</sup>

Quem sabe, pelo entendimento do mundo vivido nas manifestações anteriores e pelas experiências de uma música de pessoas menos oprimidas e opressoras - ou já conscientes de parte das opressões que sofrem e igualmente promovem -, estejamos mais aptos agora a escutar as expectativas e necessidades expressas nas vozes de todos os cantos de hoje?

É esse, a meu ver, o maior desafio de ontem e de todos os tempos presentes.

## CONHECENDO UM POUCO MELHOR O PROJETO<sup>7</sup>

7. Segue-se aqui o texto original publicado em 1981: KATER, C. Contribuição às formas de expressão sonoro-musicais. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Música, n°2 (Anais). Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1987, p.207-214.

8. Habitando em Paris, de 1977 a 1980, pude conversar com Paulo Freire ao telefone, depois de minha chegada à Europa. Em 1978, eu e minha esposa Aude, fomos encontrá-lo em Genebra, onde ele residia, trabalhando no Conselho Mundial das Igrejas. Acolhidos sempre muito carinhosamente, ficávamos em seu apartamento e em meio às nossas conversas surgiu a ideia de fazer uma “música do oprimido”, uma vez que já existia o teatro do oprimido, criado por Augusto Boal. Embora na ocasião esse desafio me parecesse enorme, eu o acolhi com grande motivação e após meses de reflexão comecei a elaborar uma alternativa de ação junto a um dos grupos de educação musical que ministrava no “Atelier de Expression Musicale et Corporelle”, de Paris, e que resultaram na “La Manifestation”.

De 1978 a 1980, fui responsável pelo planejamento e coordenação dos cursos de música do “*Atelier d’Expression Musicale et Corporelle*”, em Paris. Durante este período, desenvolvi algumas técnicas particulares de iniciação, sensibilização e criação musical, com grupos de alunos de diferentes idades.

A que relatarei resultou de uma experiência pedagógico-artística com um grupo de alunos de 8 a 13 anos e teve aproximadamente 7 meses de duração, com encontros semanais de cerca de duas horas.

Ela é dedicada ao educador brasileiro Paulo Freire, com quem pude me encontrar em Genebra e que de maneira motivante me propôs o desafio.<sup>8</sup>

9. Nos anos de 1975 e 76 fui, junto com Victor Flusser, responsável pela parte de música, coordenando a área de arte, lazer e cultura, da FEBEM, em São Paulo. Nesses anos atuamos também diretamente nas Unidade de Triagem UT-3 e UT-4 e nas Unidades Educacionais UE-2, 3 e 6, quando tive a oportunidade de me deparar com limites importantes estabelecidos entre minha formação musical e os recursos que possuía como educador musical e o universo complexo e rico dos jovens com que trabalhei em oficinas diversas. Muito pouco do que eu havia aprendido na universidade me servia como recurso e ferramenta de trabalho nesses encontros, afora o abismo imenso existente entre nossas experiências e gostos musicais, que se refletiam brutalmente na questão do repertório das músicas a serem trabalhadas. Para muitas das problemáticas que comecei a perceber na época, tive de elaborar respostas criativas, como a proposição da 1ª Escola de Samba da entidade. Considero que a imensa dificuldade resultante das experiências que vivi naqueles tempos foi decisiva para a concepção, anos mais tarde, do projeto “A Música da Gente”.

As questões fundamentais propostas neste processo de criação participativa estavam inteiramente associadas a preocupações que vinham me absorvendo já algum tempo.<sup>9</sup>

Do ponto de vista de técnica musical:

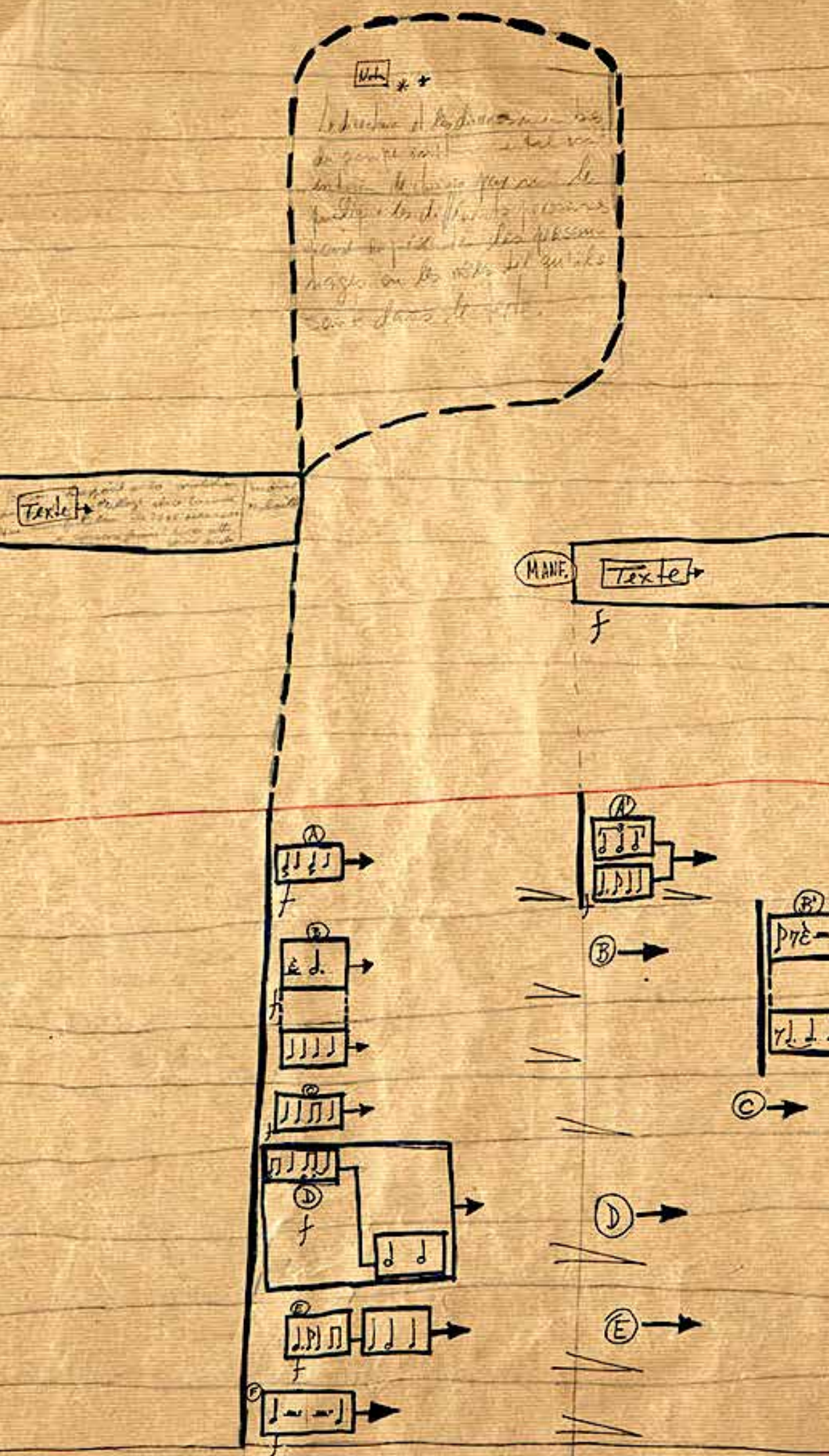
- tornar a alfabetização e a formação musical extensivas à música, no sentido amplo desta arte e forma de expressão – ao conhecimento e ao domínio do universo sonoro – e não restritas apenas a um momento de sua evolução histórica;
- trabalhar, por consequência, tanto as linguagens e técnicas musicais habituais quanto as contemporâneas;
- favorecer, em fases oportunas, o trabalho de grupo e o trabalho individual, integrando diferentes expressões artísticas e visando a criação de um produto musical de caráter artístico dinâmico, global e coerente, alicerçado em contribuições consistentes das partes no todo;
- atualizar o processo de formação musical através da inclusão de recursos sonoros não abordáveis usualmente no aprendizado e na

prática da música, mas presentes, direta ou indiretamente, no cotidiano dos participantes.

E, por outro lado, de um ponto de vista que poderíamos chamar de sócio-pedagógico:

- formar musicalmente pessoas, de maneira a possibilitar o desenvolvimento real de suas potencialidades humanas e a participação ativa dentro do próprio processo de aprendizagem;
- fazer da trajetória educativa uma experiência eficaz, criativa e singular, englobando ainda a postura corrente, caracterizada pela transferência de informações técnicas;
- buscar por meio desta experiência estabelecer um nível mais amplo e integrado de associação entre produto coletivo de trabalho e vivência pessoal entre os participantes do grupo.

Na metade final de 79, enquanto trabalhávamos em aula as diferentes naturezas sonoras e modalidades musicais envolvendo escuta, percepção, possibilidades de organização e codificação -, várias cidades da França eram palco de passeatas pacíficas e movimentos reivindicatórios de diversos portes. Em Paris, CGT, CFDT, Universidade de Jussieu; no Havre, os portuários e em muitas outras



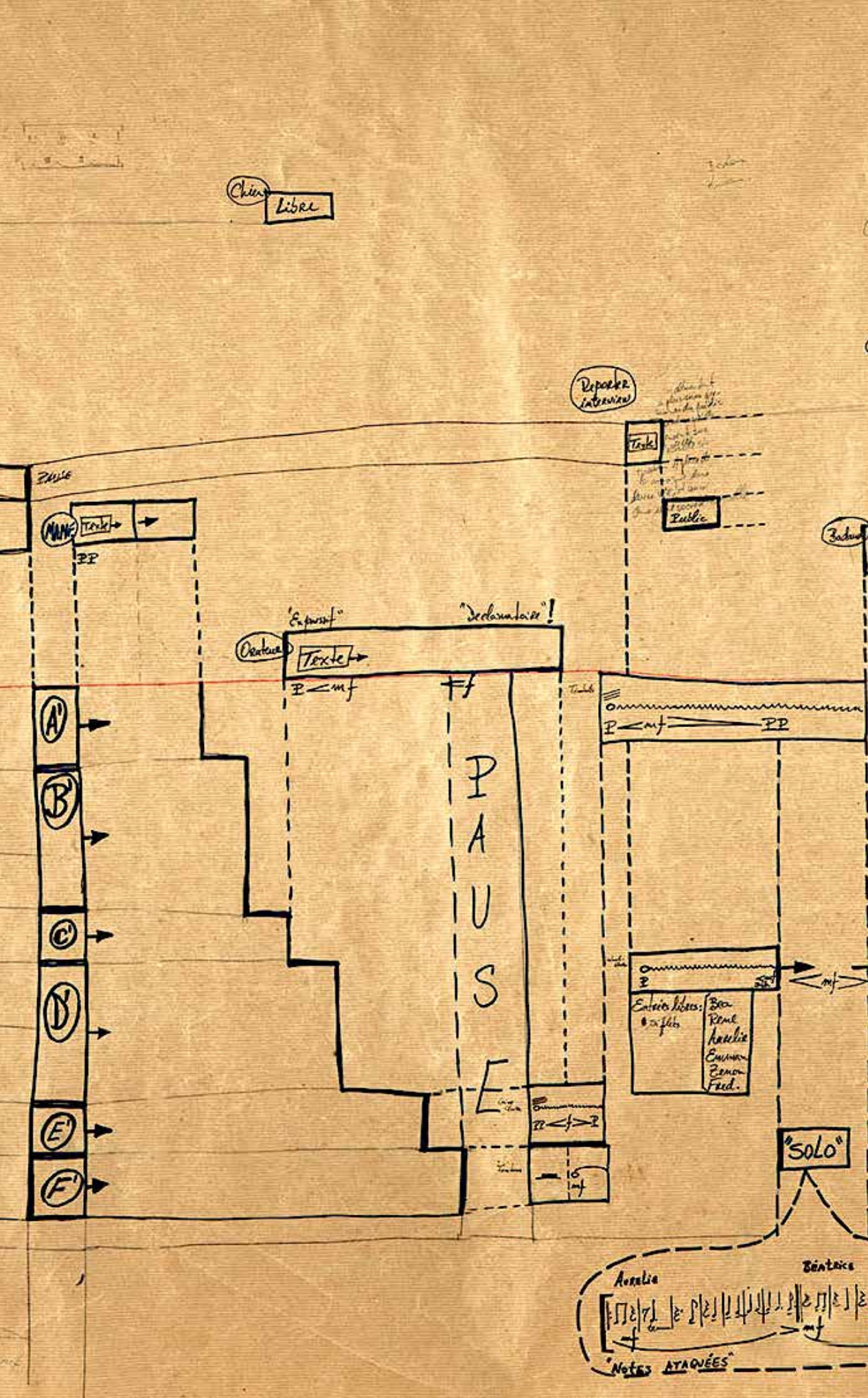
10. Havia referências nesses eventos tanto as comemorações estendidas de Maio de 1968 quanto do 1º de Maio, dia do Trabalho / Dia dos Trabalhadores. Wikipedia: “O Dia do Trabalhador, Dia do Trabalho, Dia Internacional dos Trabalhadores ou Festa do Trabalhador é uma data comemorativa internacional, dedicada aos trabalhadores, celebrada anualmente no dia 1 de maio em quase todos os países do mundo, sendo feriado em muitos deles. A homenagem remonta ao dia 1 de maio de 1886, quando uma greve foi iniciada em Chicago, com o objetivo de conquistar melhores condições de trabalho, principalmente a redução da jornada de trabalho diária, que chegava a 17 horas, para oito horas. Durante a manifestação houve confrontos com a polícia, o que resultou em prisões e mortes de trabalhadores. Este acontecimento serviria de inspiração para muitas outras manifestações que se seguiriam. Estas lutas operárias não foram em vão. “Os trabalhadores de todo o mundo conquistaram uma série de direitos e, em alguns países, tais direitos ganharam códigos de trabalho e também estão sancionados por Constituições”. No período entre-guerras, a duração máxima da jornada de trabalho foi fixada em oito horas na maior parte dos países industrializados. No calendário litúrgico, o dia celebra a memória de São José Operário, o santo padroeiro dos trabalhadores.”

regiões, grupos sociais já existentes ou constituídos em função de uma razão específica, tomavam posição pública e aberta, organizando-se em torno de uma causa essencial comum.<sup>10</sup>

Sendo tais fatos divulgados e comentados de maneira habitual pela imprensa e demais meios de comunicação e ainda diretamente relacionados aos alunos – um ou mais familiares de alguns deles haviam tido uma participação ativa nesses movimentos de grupo -, nós os comentávamos ocasionalmente de maneira genérica, quando de nossos encontros.

Mas se a importância social desses fatos é suficientemente óbvia para merecer aqui qualquer comentário, a situação no que se refere à dimensão sonora que os envolve parece-me um pouco diferente, pois entre outros fatores, ela é de forma geral ignorada, em especial do ponto de vista da educação musical.

Uma manifestação qualquer é, antes de tudo, um meio de expressão sociocultural e compreende, na quase totalidade dos casos, componentes sonoros e musicais de maneira intrínseca. Os graus de importância e as formas de articulação, entre eles



11. Anos mais tarde criei uma proposta semelhante, focada porém em fenômeno de natureza distinta, a Conferência. Ela resultou num evento cênico-musical performático, intitulado “Conferencia em torno de Villa-Lobos, um espetáculo modernista”, estreado no MASP em 1986.

e os demais elementos característicos deste meio expressivo podem variar consideravelmente, mas a dimensão sonora é quase sempre uma pertinência de riqueza particular extraordinária.

Nele podemos encontrar uma multiplicidade de eventos sonoros e musicais simples e complexos, próprios e complementares: a simultaneidade de acontecimentos, a presença concomitante de organizações sonoras determinadas e indeterminadas de sons (interpenetrando-se de forma particular), a diversidade e o deslocamento de fontes geradoras de sonoridade, a variedade múltipla de planos dos parâmetros (altura, duração intensidade e timbre), a composição de uma forma semiaberta (cuja estrutura profunda se apresenta constantemente transfigurada), etc..

Assim, em razão do potencial expressivo deste fenômeno, resolvi investir mais intensamente na busca de uma resposta comum às questões expostas inicialmente.<sup>11</sup>

Disto resultou a criação de um projeto de trabalho, que aplicado a um dos grupos do “Atelier” a partir de 1979, intitulou-se “*La Manifestation*”.



Eis o roteiro geral elaborado para o processo de montagem:

Cada uma das fases constitutivas deste roteiro – inclusive a décima terceira – foi desenvolvida satisfatoriamente em nosso trabalho, favorecendo tanto o aprofundamento e a incorporação das propostas específicas de cada uma delas – de essência pedagógica, portanto – como a criação dos requisitos necessários à elaboração do produto final.

## **FASE 1 - Considerações de diversas naturezas relativas à “manifestação”<sup>12</sup>, a partir de experiências conhecidas ou vivenciadas pelos integrantes do grupo.**

**1.1** Comentário sobre esta forma de expressão no sentido descritivo: número aproximado de pessoas participantes, sua indumentária, características, etc..

**1.2** Estudo da organização interna de uma manifestação e das funções desenvolvidas pelos elementos: guarda-costas, discursadores, participantes ativos, entrevistadores, palavras de ordem, etc.; ainda, os elementos resultantes da interferência da manifestação no local apresentado e funções respectivas: imprensa em geral, pessoas da região favoráveis ou contrárias às reivindicações, polícia, batedores controlando o trânsito para a passagem dos manifestantes, etc.

12. Enquanto evento coletivo de expressão e reivindicação de novas alternativas de vida e/ou melhores condições de trabalho, de cunho político, social, cultural e/ou ideológico.

**1.3** Reflexão conjunta sobre a função e conteúdo social da manifestação de uma maneira geral, dando ênfase à razão de existência dessa forma de expressão, aos objetivos de reivindicação, à categoria social das pessoas envolvidas, etc.

**FASE 2 – Intensificação da atenção da escuta e verificação detalhada das fontes sonoras constituintes de uma manifestação qualquer.** Foco especial na percepção, no sentido de favorecer a descoberta e posterior reconhecimento, das fontes sonoras mais pelo desenvolvimento auditivo que visual.

Sendo esta fase essencial para a finalidade do trabalho, foi fundamental o levantamento exaustivo dos elementos integrantes do universo sonoro próprio de uma manifestação, bem como daqueles gerados em razão dela.

**FASE 3 – Com base nas considerações pessoais e do grupo sobre o sentido e a necessidade de se manifestar, se posicionar e reivindicar no social o que ao social pertence.** Proposta de elaboração de uma manifestação própria, com os elementos e a organização característicos e necessários, a partir da reflexão conjunta, partilha de opiniões e escolha de um tema adequado. Tema adequado significando um tema capaz de representar uma situação ou fato legítimo relativamente à totalidade dos integrantes do grupo, mediante reflexões, exposições, conversações, argumentações individuais e em pequenos grupos em dinâmica viva e interativa, seus pontos de chegada em determinado momento, que foram objeto de votação. A escolha final não se deu por maioria simples mas por consenso. A votação refletiu um “estado” de escolha qualitativo mas não o espaço de convergência necessário para uma ação criativa coletiva. Foi então destacado um tema aglutinador com sentido de integração para todos os participantes. E este tema foi a “Musica para todos” e a “Música das Músicas” (ou melhor... as Músicas fora da Música).

**FASE 4 – Apresentação do resultado desta execução, encarado enquanto um teatro ou cena musical.**

**FASE 5 – Exceção feita ao aspecto sonoro próprio deste evento, fazer abstração de todos os demais e gravar o trabalho, num local conveniente.**

**FASE 6 – Audição e discussão crítica da gravação, visando preponderantemente sua percepção, avaliação crítica e o aprofundamento de noções fundamentais, como por exemplo:**

- Densidade - Intensidade - Registro e tessitura - Timbre - Textura
- Oposições e Contrastes: modalidades de passagem e de ruptura
- Espaço e planos sonoros (níveis, combinação, mobilidade)
- Conceito e função estrutural de “Tema”: principal e complementar
- Sentido e modalidades de acompanhamento, estrutura e forma: níveis e planos de organização, introdução, caracterização de seções, transição, desenvolvimento, coda etc.

**FASE 7 – Baseando-se nos resultados do trabalho da fase anterior, realizamos as modificações necessárias que foram propostas e gravamos novas versões em atendimento aos aspectos observados e pontos objeto de crítica.**

**FASE 8 – Audição – verificar atentamente os resultados obtidos a partir das transformações operadas.**

A comparação das duas versões do trabalho é extremamente oportuna para o desenvolvimento da percepção e para o estudo da variação.

**FASE 9 – “Ditado coletivo”.** As pessoas se situam em torno de uma grande folha de papel, preparada previamente da seguinte forma: os componentes significativos do evento sonoro são indicados na margem esquerda e as subdivisões temporais indicadas em barras verticais.

**9.1** Num primeiro momento solicita-se simplesmente a constatação da presença e respectiva duração – em unidades de tempo – dos diversos elementos - fontes ou materiais - já repertoriados, assinalando-se um **x** ou traço, a lápis, no quadro correspondente;

**9.2** Solicita-se após uma escuta mais aprofundada e detalhada das particularidades de cada um dos materiais constituintes. Caso tenham sido trabalhados anteriormente processos de codificação de materiais de naturezas diversas, aplicá-los aqui com a precisão corresponde; caso contrário, aproveitar este momento para explorar e desenvolver um repertório de recursos de escrita, o mais amplo possível, a fim de gerar um código pertinente capaz de representar adequadamente os materiais e suas relações.

**Fase 10 – Uma vez finalizada esta escuta atenta e inteligente (espécie de**

**“ditado”), novas alterações poderão ocorrer, desta feita em função da própria escritura.** Fazer intervir aqui as determinações de intensidade, andamento, articulação e fraseado, expressões de nuances, etc.

**Fase 11 – Com base nesta partitura, agora mais coerente e completa, realizar uma outra execução, gravando-a novamente.<sup>13</sup>**

13. A partitura concebida ao longo do processo foi realizada em papel Kraft de rolo, medindo 3m28 de comprimento por 1m de altura. Ela era a cada encontro fixada na parede da sala a fim de que durante tanto a sua concepção quanto sua interpretação todos os participantes pudessem lê-la como mapa, acessando-a e assim interagindo coletivamente com mais conhecimento e convicção no território musical. Foi preservada a última versão da partitura mais fiel à proposição final da música interpretada na sua estreia em Paris.

**Fase 12 – Segundo as circunstâncias de trabalho, os objetivos pedagógicos e artísticos e a necessidade do grupo, este processo pode se encerrar com a escuta desta recente gravação ou se estender ainda numa última fase.**

**Fase 13 – O trabalho a ser desenvolvido, a partir daqui, é exatamente aquele de interpretação musical e de “*mise en scene*”. A concepção interpretativa deve beneficiar tanto o domínio da integração de meios expressivos como o da música pura, propriamente.**

A montagem de nossa proposta foi concebida principalmente com base em considerações determinantes de algumas das fases:

Nos momentos 1, 2 e 3, nos valem de um gravador em cena que documentou, após os ensaios necessários, cada etapa da obra, de maneira sucessiva, justaposta. Estes ensaios ocorreram no interior da dimensão teatral e proporcionaram assim alcançar mais um importante objetivo: a participação coletiva com interação em tempo real.

## **FASE 2 – Efetuamos a distinção entre partes instrumentais, intervenções faladas e interferências.**

- Instrumentos: timbales, apitos (de várias sonoridades), caxixi, tamborim, sinos, wood-blocks, agogô, caixa-clara e tom-tons;
- Intervenções faladas, representando os seguintes personagens: o policial, a equipe responsável pelo serviço de ordens da manifestação, uma automobilista furiosa, o repórter de televisão, um entrevistador, os manifestantes, um “*badaud*” (pessoa ingênua, simplória, “por fora”) e o orador. Elaboramos textos, para cada um deles, que serviram de base para a atuação do público, quando de nossa apresentação ao vivo;<sup>14</sup>
- Interferências diversas (“bruitage”): onomatopeias e sonoplastia de granadas de gás lacrimogêneo, sirenes, latidos de cachorro, tosses, estampidos de tiro de armas, pedras se chocando em paredes ou no chão, etc.

## **FASE 3 – A “Música” foi escolhida como tema maior e central da manifestação (a “Música das Músicas”) e representou o “norte” que possibilitou por um lado avançarmos nossas reflexões sobre a música e seu papel na sociedade e vida das**

**peças.** Por outro serviu de baliza para evitarmos enfatizar em excesso assuntos paralelos ou apenas tangentes à música e à educação musical. Foram reivindicadas melhores condições para a prática

14. Vale reiterar que a participação do público foi um elemento característico e marcante da apresentação original realizada em Paris. Cada pessoa do público foi convidada a subir no palco e participar da realização da peça-evento, interpretando uma das funções já mencionadas, sendo o coro dos manifestantes o grupo de representação mais numeroso.

musical, bem como a ampliação do campo de significados normalmente envolvidos nessa forma de expressão e comunicação. Por outro lado, foram objeto de crítica o consumo excessivo, a publicidade persuasiva, a opressão a nível pessoal e de classes, a imposição de valores estéticos e estilo de vida, as atitudes mecânicas e reações automáticas, os privilégios excessivos de determinadas classes, as injustiças sociais etc.

**FASE 4 – Apresentamos o primeiro “esboço” da peça (estágio característico desta fase), de forma simples (isto é, despojada de recursos cênicos, figurinos, iluminação), na própria escola, para alunos de outras turmas.**

**FASE 10 – A partir do “ditado” realizado pelos alunos, efetuei as correções que me pareceram mais necessárias naquele momento, a fim de registrar uma das fases finais do processo vivenciado pelo grupo até aquele momento.**

**FASE 13 – No que se refere à forma estética geral, englobando e articulando as opções efetuadas nas diferentes fases anteriores, concebemos uma cena-musical que na versão final apresentou, entre outras, as particularidades seguintes:**

	MOMENTOS	FORMA DE PARTICIPAÇÃO
1	Introdução do trabalho por uma cena de “Jornal de TV”	Presença em cena de apenas alguns dos participantes do grupo
2	Repórter em cobertura da Manifestação: “Ao vivo, diretamente da avenida...” e início do evento pp/ dito	Público convidado para subir em cena e se integrar ao grupo musical
3	Desagregação da manifestação	Público participante e grupo musical em evasão do palco
4	Audição final do trabalho	Público, aqui na condição de ouvinte (fruidor), e com o Grupo ausente (fora do espaço cênico)

Ao final então da desagregação da manifestação, culminando com a saída abrupta de cena e da sala de todos os elementos do grupo – dispensando-se pela plateia e escapando pelas portas -, a fita de gravação foi rebobinada até seu início. Todas as luzes apagadas, rapidamente após nosso aparecimento, iniciou-se o quarto momento. Ofereceu-se então ao público participante a audição da peça inteira, como um todo ininterrupto, resultado de um trabalho conjunto.

Essa peça foi convidada para integrar a “Primeiro Encontro Musical de Crianças de Paris”, tendo sido realizada na “*Péniche Théâtre*”, atracada no canal de Saint-Martin, na tarde de 14 de Maio de 1980.



## TEXTOS UTILIZADOS

15. Nome inventado por um dos participantes para designar o repórter principal.

16. Atrás de uma moldura de TV vazada, o repórter Mabui dava a impressão de estar na rua apresentando “ao vivo” e “em direto” a Manifestação.

Eis os principais textos utilizados na montagem da “*La Manifestation*”, em Paris. A tradução apresentada abaixo é literal, tendo assim a finalidade exclusiva de favorecer a compreensão do sentido original de conteúdos, sem, no entanto, se preocupar de recriar rimas e ritmos da versão original francesa para o português.

### 1. Repórter A:

- Boa tarde, senhoras e senhores! Interrompemos nossas programações para informar urgente que... está havendo nesse momento uma grande manifestação no Boulevard Saint Michel. Ela reúne muitas pessoas que reivindicam seu direito à música, ampliado para toda a sociedade sem exceção!

### 2. Repórter B:

“Aqui Mabui<sup>15</sup>, ao vivo, para o Teatro da Péniche! Sim, isso mesmo para toda e qualquer pessoa. Na pauta central das reivindicações está também a ‘Música das Músicas’. Os manifestantes cobram das instâncias responsáveis mais música e menos consumo, menos passatempo fortuito e televisão. Vamos agora acompanhar o movimento mais de perto”.<sup>16</sup>

### 3. Manifestantes

#### (seleção dos principais refrãos):

- Faça como nós,  
a música antes de tudo!
- Do pensamento, da paixão  
a música é a expressão!
- Chega de golpes rôtos,  
a música está conosco!
- 1 2 3,  
a música tem sua vez!
- Quem nenhuma música tem  
ou é surdo, ou um Zé ninguém

Material secundário, intercalado aos refrãos.  
O repertório dos textos apresentado parcialmente aqui, é escolhido e montado em cena junto com o público participante.

Teto para todos  
Trabalho para todos  
Comida para todos  
Cultura para todos!

Acabaram as imposições  
a música nos tira  
do país das ilusões

Pare de ser passivo

de tudo fazer  
sem se entregar  
A música em coletivo  
já vê seu dia chegar

Música para todos  
não só para uma elite

Enquanto documento  
enquanto arte  
a música das músicas  
está em toda parte

Parem de se iludir  
música para se escutar

Ninguém pode ignorar  
uma obra criada

Somos os criadores  
somos os intérpretes  
desta obra-documento  
de expressão completa

Não há terra sem sol  
Nem lugar sem som  
Não vale se omitir,  
nem ficar no lugar comum

uma mudança começou  
não se pode esconder  
a música das músicas  
vocês vão compreender



Para o lixo a televisão  
música viva é sempre solução

Saia daí, venha pra cá...  
A vida acontece aqui,  
Nada acontece lá!

Faça como nós  
Pare, crie, escute...!

**4. Repórter B:** “- Como vocês podem ver – e ouvir –, a manifestação segue ainda crescendo a cada instante. Entre 50 e 1.000 pessoas continuam aqui reunidas para reivindicar certas transformações na criação, interpretação, comunicação e fruição da música.”

**5. Orador:** “Sabemos que a Arte é uma constante que existe desde as origens das primeiras sociedades. Seu papel é de extrema importância. Mesmo se a economia representa um fator determinante de qualquer sociedade, a Arte e a música em especial é que favorece o desenvolvimento das pessoas e das comunidades que a integram, e isto num processo intenso e dialético. Existem múltiplos aspectos da Arte suficientes para justificar sua existência e sua importância. Lembramos aqui apenas de dois, que



bastam para compreendermos a essência dessa importantíssima atividade humana:

- enquanto obra criada, a música fornece, através de seus criadores e de seus intérpretes, o documento de toda e qualquer realidade, como podemos perceber aqui! E esse documento é dotado de uma grande particularidade ... sua linguagem, e as expressões que criativamente articula!
- em segundo lugar: enquanto produto de uma necessidade de expressão, a música se estabelece como meio de comunicação, quase sempre superando limites e integrando diferenças.

E, é falando em meio de comunicação, necessidade de expressão, documento expressivo, arte e linguagem, que reivindicamos “MÚSICA”. Música, organização do universo sonoro, de suas manifestações infinitas desde os primeiros passos dos seres humanos. Não estamos falando aqui de uma música qualquer, estamos reivindicando a prática ativa da “Música das Músicas”, da música expressão e documento, da música viva e criativa, da música arte, original, expressão sonora de pensamentos, e portadora de intenções, necessidades, percepções e paixões legítimas!”

## DEPOIMENTOS DE ALGUNS PARTICIPANTES DO GRUPO DE 1980

“Há mais de 40 anos, éramos um grupo de crianças que se encontrava regularmente na rua Rodier, em Paris. Pelo que me lembro, éramos um grupo de crianças felizes, de concentração difícil e todas com idade entre 10 e 15 anos. Estávamos todos lá, presentes pela Música, com M maiúsculo. Nossa experiência musical e compreensão foram extremamente díspares. Alguns já tocavam um instrumento, sabiam ler partituras, compreendiam uma sinfonia e podiam imaginar um ritmo. Outros, como eu, eram realmente desprovidos de qualquer conhecimento e experiência musical. Sob a orientação do nosso querido professor Carlos Kater, trabalhamos juntos para construir uma partitura “orquestral” que tocaríamos para um público desconhecido.

Lembro-me de um trabalho muito alegre durante o qual colocamos pequenas peças musicais de ponta a ponta... Repetíamos incansavelmente as nossas partes para ter a certeza de que cada um dos instrumentos encontrava o seu lugar e o seu posicionamento... Nos tocávamos os sons mas eles igualmente... nos tocavam!

Lembro-me claramente da capacidade criativa de Carlos, que era capaz de construir instrumentos a partir dos objetos mais incríveis (tubos, caixas...) porque queríamos criar música e melodia do nada.

FRAGMENTS DES DIVERS TEXTES

A  
P  
A  
U  
S  
E

Ai! air  
Bum  
kai  
An secondes...  
vif  
kai  
Ah!  
Bum  
Puff  
Bum air

**Philippe Bizot**  
Empresário e presidente  
de empresa.  
Tóquio, 16 de outubro de 2021

Em última análise, o instrumento escolhido por Carlos para nos explicar a música e nos guiar nesse processo foi a voz e os sons que saíam da boca. Isso nos ajudou a dar vida àqueles sons que pareciam tão difíceis de compreender...

De minha parte, me lembro que tocava uma quase bateria de verdade... E me recordo de sentir muito orgulho pela confiança que Carlos depositava em mim, mas também me intimidei muito com essa responsabilidade! Essa abertura para a música, esse aprendizado com os sons e pelos sons, essa capacidade criativa de todos nós do grupo permanece para mim como uma linda lembrança de minha infância.”

A  
P  
A  
U  
S  
E

dm  
[Musical notation]  
[Musical notation]  
[Musical notation]  
[Musical notation]  
[Musical notation]  
[Musical notation]

Desagregation totale → tous les instruments

“No ano de 1979 minha família se mudou para França e em Paris conhecemos o casal Aude e Carlos Kater. Eu e meus irmãos começamos a participar de uma oficina de música que Carlos ministrava no *Atelier d'Expression Musicale et Corporelle*, quando conhecemos os alunos franceses, os vários instrumentos que havia na escola e suas possibilidades expressivas. Entre eles gostei muito dos apitos e me recordo de um apito indígena que me interessava especialmente e o usei nos encontros de música e na apresentação.

S  
O  
R  
T  
I  
E

5 notes: A, B, C, D, E et F

PP

Foi uma das experiências mais ricas que vivi num trabalho coletivo musical. Me recordo de nossas conversas e reflexões, no meio do processo da aula, quando fazíamos sugestões e escolhas de frases definindo as falas para a nossa manifestação, cujo tema era a música.

Tenho ainda presente a sensação fantástica da apresentação; um frenesi mesmo, por conta da nossa interação com as pessoas do público e que gerava uma energia especial. Isso me lembro bem, foi incrível, estávamos criando e ao mesmo tempo mergulhados num evento real... A sensação do movimento, das intervenções, das palavras, tudo gerava uma atmosfera real de manifestação... O ritmo das participações, a agitação das pessoas naquele processo de montagem-apresentação, as sonoridades dos instrumentos, as falas dos manifestantes e palavras de ordem, tudo isso dava esse clima, o clima de um evento real que eu participei da criação e vivi em conjunto quando tinha nove anos.

**Frederico Eleutério Barreto**  
Pintor e artista plástico.  
Jundiaí, 10 de outubro de 2021

Hoje, mais de 40 anos depois, tenho ainda a recordação viva e afetiva desse momento singular de minha vida.”

## TEXTO... DO INÍCIO DO VIDEOCLÍPE

A música “*La Manifestation*” foi concebida no âmbito de um dos cursos de formação musical que ministrei no “*Atelier d’Expression Musicale et Corporelle*”, em Paris, desde 1978.

Na origem, ela se caracterizou como um processo criativo e educativo dialógico, junto a um grupo de jovens alunos. Resultou ao final numa cena musical performática, interpretada pelo grupo com viva participação e interação colaborativa do público.

“*La Manifestation*” é originalmente dedicada ao pedagogo brasileiro Paulo Freire.

Foi ele que em Genebra me fez o convite-desafio, motivador e instigante, de criar uma “*Música do Oprimido*”.

Fica aqui também nossa homenagem aos oprimidos e oprimidas de todas as épocas, assim como às pessoas que, conscientes da perversidade desse mecanismo, se empenham, com amor e respeito, em sua superação no presente.

C.Kater



## QUER CRIAR A SUA PRÓPRIA MANIFESTAÇÃO?

Se você quiser conceber a sua própria manifestação e assim, por meio da reflexão crítica e do exercício dialógico sincero, revolucionar alguns paradigmas, sugerimos, se pertinente, algumas “expressões-slogans” que marcaram a história ... (entre inúmeras outras à escolha de seu grupo) que poderão ser expressos ou impressos em sua própria montagem ...

“Abaixo a sociedade de consumo”

“A ação não deve ser uma reação, mas uma criação”

“O agressor não é aquele que se revolta, mas aquele que reprime”

“Corram camaradas, o velho mundo está atrás de vocês”

“Proibido não colar cartazes”

“A emancipação do homem será total ou não será”

“O estado é cada um de nós”

“A imaginação toma o poder”

“A insolência é a nova arma revolucionária”



“É proibido proibir”

“A liberdade do outro estende a minha ao infinito”

“As paredes têm ouvidos. Seus ouvidos têm paredes”

“A novidade é revolucionária, a verdade, também”

“Fim da liberdade aos inimigos da liberdade”

“A poesia está nas ruas”

“Só a verdade é revolucionária”

“Escute, há musica aqui, ali, lá e em cada um”

“A felicidade é uma ideia nova”

“Teremos um bom mestre desde que cada um seja o seu”

“Um homem não é estúpido ou inteligente: ele é livre ou não é”

“Decretado o estado de felicidade permanente”

Vários desses “gritos” de protesto e de *insights* foram criados e utilizados por estudantes na França, em 1968, escritos nos muros e em cartazes espalhados por Paris, nas faculdades Sorbonne, Nanterre e Belas Artes, nos arredores do Teatro Odéon e nos Bulevares de Saint-Michel e de Saint-Germain.



“LA MANIFESTATION” (2021) - Pintura de Frederico Eleutério Barreto



“LA MANIFESTATION” (2021) - Pintura de Frederico Eleutério Barreto

# FICHA TÉCNICA

- Concepção, direção e realização da proposta musical-educativa dialógica:** Carlos Kater
- Criação da partitura:** Alunos e alunas do curso “*Atelier d’Expression Musicale et Corporelle*” (Paris, 1980)
- Realização da versão áudio:** Membros do NuSom - Núcleo de Pesquisas em Sonologia (USP), a partir da partitura original de 1980: Fernando Iazzetta (coordenação), Amanda Jacometi, Cássia Carrascoza (flautas), Gustavo Branco, Luís Fernando Cirne, Marina Mapurunga, Miguel Antar (contrabaixo, piano), Paulo Assis, Pedro Paulo Kohler, Tide Borges, Vitor Kisil (percussão)
- Pintura original “La Manifestation” (2021):** Frederico Eleutério Barreto
- Edição do Clipe vídeo:** Matheus Manfredini
- Auxiliaram nos ajustes de texto:** Carol Dias, Dani Bambace, Stênio Biazon
- Projeto Gráfico:** Juliana Henno
- Coord. Geral:** C. Kater
- Produção:** M&K

(2022)